

# Considerações sobre swing e poliamor à luz do conceito de “círculo encantado” de Gayle Rubin.

Tarcília Edna Fernandes do Nascimento<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo busca analisar as conversas de membros de grupos de Whatsapp sobre poliamor e swing à luz do conceito de “círculo encantado” da antropóloga Gayle Rubin (2017). O objetivo é comparar os discursos de swingers e poliamoristas, duas formas não hegemônicas de expressão afetiva, relacional e sexual, localizadas às margens do anel restritivo do “bom sexo” apresentado por Rubin, bem como perceber como essas duas categorias se posicionam em relação ao círculo encantado. Para tanto, analiso sete grupos de Whatsapp que reúnem pessoas auto identificadas com um ou outro modelo de não-monogamia. A partir das conversas e conteúdos publicados, observa-se algumas distinções entre os adeptos, apesar de ambas categorias manterem relações contraditórias com o centro do círculo. Os poliamoristas tentam se dissociar dos rótulos da sexualidade “promíscua”, do sexo fácil e libertino, se apoiando na base afetiva do modelo relacionamento e na busca por reconhecimento legal e social. Os swingers se mantêm em um anonimato que protege suas trajetórias públicas, impedindo que suas práticas sexuais sejam um obstáculo para o acesso aos privilégios de pertencer ao “bom sexo”.

**Palavras-chave:** Poliamor. Swing. Não-monogamia. Círculo encantado.

## Swing and polyamory considerations in light of Gayle Rubin’s “enchanted circle” concept.

## Abstract

This article seeks to analyze the speeches of members of Whatsapp groups with themes on polyamory and swinging in the light of the anthropologist Gayle Rubin’s (2017) concept “charmed circle”. The aim is to address the relationship between two forms of expression of non-hegemonic sexuality, polyamorous people and swingers, located outside the restrictive ring of “good sex” presented by Rubin, as well as to understand how these two categories are positioned in relation to the charmed circle. For this purpose, I analyze seven Whatsapp groups that bring together people who are self-identified as one or another model of non-monogamy. From the conversations and published content, some distinctions between the two categories can be observed, although both maintain very contradictory relationships with the center of the circle. Polyamorists try to dissociate themselves from the labels of “promiscuous” sexuality, easy and libertine sex, relying on the model’s affective base and the search for legal and social recognition. Swingers maintain an anonymity that protects their public trajectories, preventing their sexual practices from being an obstacle to accessing the privileges of belonging to the “good sex”.

**Keywords:** Polyamory. Swing. Non-monogamy. Charmed circle.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. E-mail: tarciliafn1@gmail.com.

## Introdução

Gayle Rubin (2017) cria um marco nos estudos de gênero e sexualidade ao escrever *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade* em 1984. Neste ensaio ela faz um apanhado histórico sobre a sexualidade na Inglaterra e nos Estados Unidos entre 1880 e 1950, e percebe que o período modificou as relações de sexualidade, deixando resíduos nas leis, nas práticas sociais e ideologias que afetam a forma como a sexualidade é vivida e enxergada. A partir disso, a autora propõe um texto que apresenta um quadro descritivo e conceitual para pensar o sexo e suas políticas. Rubin questiona o sistema de valores que os mais variados grupos sociais atribuem à sexualidade. Isto é, os valores que definem alguns comportamentos como bons/naturais e outros como maus/não naturais. Assim, aparece a abstração do Círculo Encantado da sexualidade que revela uma hierarquização dos atos sexuais. Essa hierarquia localiza o “bom sexo” no centro do círculo e o “mau sexo” na direção de suas margens. Rubin nota que esse tipo de política ataca pessoas cujas atividades sexuais não são dominantes, entre essas podemos posicionar: homossexuais, sadomasoquistas, praticantes de swing, frequentadores de casas de fetiche, não-monogâmicos (NM).

De acordo com essa estrutura, os heterossexuais maritais e reprodutivos se localizam no centro, nas bordas se encontram os heterossexuais monogâmicos não casados em relação conjugal, seguidos pela maioria dos heterossexuais. O hábito da masturbação transita entre o estigma e a ideia de que é um substituto inferior ao sexo a dois. Os casais homoafetivos estáveis com relacionamentos duradouros estão no limite da respeitabilidade, mas o que a autora chama de “sapatões de bar” e “gays promíscuos” estão em uma região limítrofe. Fora do círculo se encontram os transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, prostitutas, modelos e atores pornográficos, relações intergeracionais, entre outros, e abaixo de todos, estão os pedófilos (RUBIN, 2017, p. 16).

A proposta deste artigo é parte da pesquisa em andamento, desde 2018, para minha tese de doutorado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora. O objetivo aqui é abordar a relação entre pessoas de sexualidade, afetividade e forma relacional não-dominante – poliamoristas e swingers, ambas localizadas às margens do anel restritivo do “bom sexo” apresentado por Rubin; bem como, perceber como o círculo encantado se aplica na relação entre estas duas categorias de sexualidade.

Para tanto, investigo grupos de Whatsapp que são uma das formas de organização das pessoas NM. Após uma rápida busca no Google<sup>2</sup>, encontrei *links* para alguns desses grupos, e outros fui adicionada por membros ou administradores que conheci em aplicativos de relacionamentos como o Tinder<sup>3</sup>. Estar em alguns grupos de Whatsapp, tanto de poliamor quanto de swing, me fez perceber um campo com possibilidades de pesquisa frutíferas. Recentemente o Coronavírus modificou a rotina de encontros e aproximações das pessoas, fomentando ainda mais as redes sociais como espaço de interação. As conversas de todos os grupos foram observadas no mesmo período, entre maio de 2020 e maio de 2021, coincidindo exatamente com o período de isolamento social mais rígido. Desse modo, analiso seis grupos de Whatsapp dedicados ao poliamor, de diferentes regiões do país, que têm entre treze e setenta e seis participantes, além de um grupo de praticantes de swing com trinta e dois participantes<sup>4</sup>.

As experiências sociais ocorridas nas redes sociais ou em canais mediados pela internet são consideradas, já há bastante tempo, novas facetas de sociabilidade, por isso, necessitam de pesquisas sociais específicas. Nesse contexto, Kozinets (2014) criou o conceito de netnografia que consiste em uma pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online e que se desenrola a partir da utilização de várias práticas associadas, tais como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados, videografia, levantamentos e grupos focais. Netnografia é uma forma especializada de etnografia

2 Os termos de busca foram: grupos whatsapp poliamor e grupos whatsapp swing.

3 Um dos primeiros passos para entrar em campo foi criar um perfil no Tinder e buscar pessoas que demonstrassem interesses NM, a partir das primeiras interações informei sobre meu objetivo de pesquisa e algumas me indicaram grupos de Whatsapp.

4 Outros grupos de Whatsapp encontrados, não fizeram parte desta análise, pois tratam-se de grupos auto-intitulados poliamor, mas com modos de interação semelhantes ao grupo de swing, por isso a discrepância entre a quantidade dos grupos. Apesar disso, é possível perceber distinções relevantes que corroboram com trabalhos apresentados por outros especialistas sobre swingers.

e utiliza comunicações mediadas por computador, smartphones ou tablets como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na internet.

É sabido que as duas categorias de não-monogâmias em questão possuem diferenças substanciais sobre suas práticas, e principalmente, sobre como essas pessoas pensam o sexo. O poliamor é uma alternativa à monogamia que vai além da não exclusividade sexual, ele busca desafiar a monogamia em termos políticos e institucionais, com a premissa de que é possível amar mais de uma pessoa e manter mais de um relacionamento ao mesmo tempo de forma consensual e harmônica. Os elementos que sustentam a base ideológica do poliamor são: liberdade, igualdade, honestidade e amor, sendo eles que justificam a opção pelo poliamor em detrimento das demais formas de relacionamento amoroso não-monogâmico (PILÃO; GOLDENBERG, 2012, p. 68). Por isso as pessoas poliamorosas acreditam que o poliamor é mais igualitário, combatendo o machismo e buscando a equiparação da liberdade afetivo-sexual entre homens e mulheres (PILÃO, 2015, p. 396). Os poliamoristas dispõem de muitas páginas, blogs e canais, vários deles tentam mediar os problemas cotidianos criando “memes” que retratam o dia a dia dos poliamoristas de maneira corriqueira e bem-humorada. Algumas páginas promovem *lives*, cursos e estudos. Desde o surgimento da internet, este tem sido o principal veículo de interação entre poliamoristas (PILÃO, 2015, p. 394).

O poliamor se difere de outras formas de NM pela ênfase dada ao amor em detrimento da liberdade sexual. Mas, além disso, o poliamor é marcado pela identidade expressa na adoção do termo poliamorista para referir-se aos adeptos, além do uso de símbolos e bandeiras e a organização de grupos com o intuito de legitimar socialmente a prática (PILÃO, 2015, p. 418).

O swing pode ser definido como uma prática em que casais heterossexuais estáveis mantêm relações sexuais com outros casais ou pessoas solteiras na companhia e com o consentimento e/ou participação do parceiro (SILVÉRIO, 2014, p. 71). Mas não se limita somente a isso. O universo swinger abarca uma

série de outras práticas que, não necessariamente, objetivam a troca de casais, entre elas estão o *ménage* (sexo a três), *voyeurismo*<sup>5</sup> (observação de outras pessoas mantendo relações sexuais), exibicionismo (manter relações sexuais enquanto é observado), *cuckold* (prazer em ver, escutar ou saber das relações sexuais da parceira com outros homens), *dogging* (sexo em público), sexo grupal, sadomasoquismo (prazer em provocar e sentir dor durante a relação sexual), *gang-bang* (sexo entre uma mulher e vários homens ao mesmo tempo) e demais práticas ligadas à fantasias específicas (VASCONCELOS, 2015, p. 14). Os ambientes condescendentes com essas práticas são chamados pelos swingers muitas vezes também de “mundo liberal” ou “meio liberal”.

### Inserção no campo

Dos sete grupos de Whatsapp<sup>6</sup> analisados, um se apresenta como um meio de interação para casais swingers. Entrei nesse grupo a convite de um casal com quem eu já vinha conversando anteriormente. Em maio de 2020 contava com trinta e dois participantes, a maioria com DDD de Belo Horizonte. O grupo não possui nenhum tipo de descrição, o que leva ao entendimento de que as regras não são rígidas. A única regra estabelecida, comunicada por quem me convidou, é que todos os participantes estejam em casais e entrem juntos, portanto, o número é sempre par<sup>7</sup>. Embora não tenha muitas conversas, há uma intensa troca de fotos e vídeos de sexo dos próprios participantes e muito material da indústria pornográfica: “*Mandem fotos de nossas friends mulheres de verdade! Quero ver as esposas seminuas.*”

A frequência de participação varia ao longo do tempo, normalmente os administradores e criadores dos grupos são os mais ativos e procuram não o deixar muito tempo sem atividade, mesmo assim, o grupo foi abandonado pelos criadores e as postagens e interações diminuíram até o total silêncio. Esse grupo surgiu como uma forma de reunir pessoas com objetivos sexuais concernentes às práticas liberais em busca de amizades

5 Na prática do swing o *voyerismo* é a experiência mais comum. A maioria dos casais que vai às casas não chega a realizar a troca (VON DER WEID, 2010, p. 801).

6 Em todos os grupos analisados, os participantes foram informados sobre a minha condição de pesquisadora

7 Mesmo estando claro para todos que minha participação seria como pesquisadora, os administradores pediram que eu não entrasse só, deste modo, pedi que meu companheiro entrasse para o grupo e assim cumprimos a única regra exigida.

que compartilham deste hábito, além de encontros sexuais virtuais ou presenciais.

Os grupos sobre poliamor foram criados em outubro de 2019 e estão vinculados a um site com o mesmo tema, idealizado por Diogo<sup>8</sup> que administra este site e páginas no Instagram e Facebook. Os grupos estão divididos regionalmente: RJ, MG, SP, Norte, Sul e BR, sendo os maiores<sup>9</sup> e mais movimentados os de São Paulo, Rio de Janeiro e o Nacional, os outros três têm pouca interação e número menor de participantes<sup>10</sup>.

Estes grupos têm como descrição algumas normas e objetivos, sendo as principais e mais cobradas, a apresentação com nome, foto, idade, cidade, estado civil e o que procura. Assuntos que fujam da temática devem ser evitados, como política e religião. Fotos e vídeos pornográficos são proibidos e severamente reprovados, já que os administradores sempre exigem que sejam excluídos: “*apaga agora*”. Outra regra que os participantes valorizam muito é que, antes de chamar outro integrante no privado, haja uma solicitação pública no grupo.

Em maio de 2020, entrei nesses grupos e me apresentei como pesquisadora do tema, assim como fiz também no grupo de swing. Fui recebida com atenção e houve interesse sobre minhas possíveis experiências pessoais com o poliamor. O criador do grupo entrou em contato comigo por ligação, para saber mais sobre a pesquisa e se prontificou a ajudar, deixando o espaço dos grupos e do site ao meu dispor para realizar a pesquisa. Fui convidada para ser administradora do grupo de Minas Gerais e também para ser colaboradora do site. Aceitei ser administradora, embora minha participação não tenha se alterado. Continuei apenas como observadora, respondendo somente às perguntas que fossem diretamente feitas a mim. Com o passar dos dias e com a entrada de novos integrantes, o interesse por mim e pela pesquisa se esvaziou.

De modo geral, muitos participantes dos grupos os utilizam como um meio de aprender mais sobre

poliamor e os assuntos transversais a ele, como sexualidade, gênero e relações afetivas. Nesse sentido é comum eleger algumas “autoridades” sobre o tema, ou seja, pessoas que sejam vistas como mais conhecedoras do assunto do que outras e que possam ajudar no entendimento do tema. Isto inclui responder, definir, conceituar, enquadrar, repreender, indagar, corrigir e até mesmo expulsar pessoas com comportamentos inadequados. O critério de eleição dessas pessoas não passa unicamente pela experiência pessoal, mas também pelo conhecimento acadêmico e assiduidade no grupo. Essas pessoas assumem um papel de “especialista” e passam a ser requisitadas a intervir nas diversas discussões que aparecem. Tornar-se um administrador é uma espécie de credencial de especialista na estrutura desses grupos.

A maioria dos participantes dos grupos de Whatsapp sobre poliamor não vive e nem viveu uma relação poliamorosa de fato, mas a procura é constante. As pessoas entram nestes grupos por vários motivos: busca de conhecimento e informações, troca de experiências sobre poliamor e organização política e identitária. Algumas também entram em busca de relacionamentos, mas estas quase sempre são repreendidas pelos demais participantes, principalmente aquelas que aparentam buscar sexo casual, com especial repulsa aos casais que procuram por unicórnios<sup>11</sup>:

*Cássio<sup>12</sup>: Olá a todos. Seguindo as regras vamos nos descrever. Casal ela 25 ele 35 a procura de uma namorada. Não queremos nada casual e sim uma amizade sincera que possa evoluir para um amor a três. Somos do Sul mas viajamos bastante. Meninas fiquem a vontade para nos chamar ... um beijo em todos e todas.*

*Sofia: Boa noite, caçadores de unicórnios*

*Pietro: Olá gente tbm sou um casal tbm estou procurando uma amiga para brincar com a gente em SP*

*Arthur: Oi Pietro, tudo bem? Penso que seria interessante sua parceira também estar aqui no grupo, que acha?*

8 Todos os nomes mencionados são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

9 Em maio de 2020 o grupo SP contava com 63 participantes, RJ contava com 30 e o BR 76 participantes.

10 Também em maio de 2020 o grupo MG contava com 13 participantes, o grupo Norte com 8 participantes e o Sul, apesar de uma quantidade razoável de participantes, 30, mas com pouca interação.

11 As mulheres dispostas a se relacionar com um casal já formado antes dela são chamadas unicórnios. Essas mulheres solteiras e bissexuais são procuradas por casais em que, normalmente, a mulher também é bissexual e o homem hétero. “As unicórnios” devem viver em função do casal, sem ter outras relações e espera-se que ela se distancie do casal quando eles considerarem conveniente. O termo “unicórnio” tenta exprimir a ideia de raridade das mulheres que queiram ou se dispõem a vivenciar esses relacionamentos, diferente dos “caçadores” que são bastante comuns e geralmente enfrentam oposições ríspidas nas comunidades poliamoristas (SILVÉRIO, 2018, p. 50).

12 Todos os nomes são fictícios.



Contudo, Rubin diz que alguns comportamentos, ainda que marginais, podem levar seus praticantes a avançarem em direção à aceitabilidade e assim desfrutar, em alguma medida, de privilégios (RUBIN, 2017, p. 18). A mobilidade no interior do círculo ocorre quando certas características do “bom sexo” são zeladas, como a presença e importância do amor, a heterossexualidade e a monogamia, por exemplo. Mesmo estando às margens do círculo, as duas expressões de sexualidade em questão mantêm relações curiosamente distintas com o centro. Embora o poliamor não seja nem monogâmico e muitas vezes nem heterossexual, ele se distancia do swing, do sexo casual e da pornografia, elementos do “mau sexo”. E ele busca se aproximar do centro do círculo encantado na medida em que valoriza as relações afetivas. Rubin também afirma que todos os atos sexuais do lado ruim são considerados desprovidos de qualquer nuance emocional, e, por isso, completamente repulsivos. É notório nos grupos de poliamor a presença do afeto como diferencial decisivo nas relações: *“O foco aqui são RELACIONAMENTOS AFETIVOS com intenção de serem levados a sério e serem duradouros, não apenas uma aventura sexual.”*

Outra característica marcante nos grupos de poliamor é a censura rígida a imagens pornográficas. Como destacado anteriormente, aqueles participantes, que mesmo avisados sobre a proibição, insistem em postar algo pornográfico ou explicitamente sexual, são rapidamente ordenados a remover a postagem e quando não obedecem são removidos imediatamente. Para Rubin a pornografia reflete o sexismo que existe na sociedade como um todo e o retroalimenta, não podendo ser condenada como a origem desse (RUBIN, 2017, p. 41). A repulsa às imagens pornográficas nos grupos parece indicar uma busca pela dissociação à promiscuidade que as imagens representam. Nesse sentido, para Christian Klesse (2006, p.571,572), o poliamor circunscreve um estilo de não monogamia específico, especialmente ético com ênfase no amor, muitas vezes na contramão da valorização da sexualidade nas relações.

Outra premissa muito importante encontrada nos grupos pesquisados é a busca por reconhecimento legal e moral. Os participantes declaram e propagam seu pertencimento e lutam por direitos. Sua defesa é que o formato das relações poliamorosas seja percebido pela sociedade como bom, natural, normal, ético,

honesto e familiar, e por isso merecedor de figurar no centro do círculo. Nesse sentido, em março de 2021 surgiu a ideia, entre os membros de um dos grupos de poliamor, de criar um novo grupo exclusivamente dedicado ao debate legal sobre NM. Mas apesar da importância que os poliamoristas reservam ao tema, esse grupo, especificamente, gerou quase nenhuma interação e possui em maio de 2021, 17 participantes. A descrição do grupo diz o seguinte: *“Você tem interesse em se organizar com a gente e formar uma Associação para representar, perante a lei brasileira, pessoas que vivem relações poliafetivas?”*

No que diz respeito ao sexo, swing e poliamor se diferenciam substancialmente, já que os swingers são considerados e se consideram verdadeiros hedonistas e buscam desfrutar dos prazeres do sexo sem a necessidade de envolvimento afetivos, legais ou procriativos. Na verdade, esses elementos capazes de redimir o sexo são fortemente evitados nessas relações. A capacidade de separação entre amor e sexo é um dos princípios para que o swing ocorra plenamente. Já o poliamor, busca construir relações mais profundas priorizando o afeto e a amizade, muitas vezes em detrimento do sexo e com vistas a relações sérias e duradouras. O vínculo amoroso ocupa um lugar de destaque no poliamor e a preeminência do amor sobre o sexo aparece na contínua busca dos poliamoristas por dissociar este de práticas exclusivamente sexuais (PILÃO, 2013, p. 511).

Nos grupos de poliamor é possível observar que existe a reivindicação do destaque do poliamor como a forma mais ética de se relacionar. Dessa forma, as interações voltadas para as atividades meramente sexuais nos grupos de poliamor são consideradas equivocadas e acredita-se que estas pessoas estão no lugar errado e deveriam buscar pelo swing ou outros “ambientes liberais”. Isso leva a constantes esclarecimentos sobre a distinção entre o poliamor e outras formas de NM:

*“Muita gente acha que o polyamor e uma vida de swing... Hahaha... Quando não é..”*

(...)

*“Importante lembrar q o grupo aqui é focado em relacionamentos, em poliamor, não polisexo ou swing e afins.*

Aqueles que se apresentam deixando a entender que procuram uma relação sexual com uma terceira pessoa (normalmente mulheres) são imediatamente

alertados de que no poliamor não se procura por sexo. Dependendo da abordagem dos novos membros a crítica pode ser mais dura e esses podem até vir a ser convidados a sair do grupo pelos administradores:

*Túlio: Sou Túlio. 39 anos. Tijuca. Hétero casado em busca de uma mulher pra apimentar nossa relação*

*Fernanda: Já procurou em grupos/sites de swing ???*

*Túlio: Ainda não, estamos buscando alternativas e viemos parar aqui.*

*Fernanda: Mas vcs querem uma mulher para interação sexual somente ??*

*Aqui é um grupo d poliamor...q visa conversas e tb interações entre os participantes.*

*Claro q falamos Tb sobre nossas questões sexuais... pq ninguém aqui é monge rrsrsrs*

*Mas falar q querem uma mulher para “apimentar” a relação é d um tom extremamente objetificador e um tanto machista tb...*

Uma participante recém-chegada ao grupo de poliamor começa a descrever suas experiências e desejos e é prontamente advertida pela administradora:

*Letícia: Eu já fiz mhm<sup>13</sup>...n*

*Mas tenho tido curiosidade pra fazer hmh*

*Homem hetero, para puro prazer da mulher.*

*É uma pira, que tenho querido*

*Lívia: Fazer é bem mais fácil se vc pensar só em sexo. Ter relacionamento não mono aí já é beeeem mais complexo*

*Letícia: É, eu não tenho interesse em relação*

*Lívia: ???*

*Letícia: Tipo, por enquanto, em uma relação duradoura*

*Lívia: Não entendi...*

*Se vc tá só procurando experiências sexuais, aqui não é o lugar. Pra isso tem grupo d festas liberais e swing*

*Joice: Gente, cansada de gente que fantasia poliamor, pra sexo com 2 mulheres...*

*Ou 2 homens...*

*Cara, onde fica o amor?*

*Banalizou?*

*Poliamor virou fetiche?*

As posições no círculo encantado são ordenadas por imagens ideológicas que orientam as visões sobre a sexualidade, e a negação ao sexo é talvez a mais significativa delas. As culturas ocidentais consideram

o sexo uma força perigosa e destrutiva. Se casamento, reprodução ou amor não estão envolvidos, quase todo comportamento sexual é considerado ruim. A tradição cristã, por exemplo, sustenta que o sexo é inerentemente pecaminoso, com possibilidade de perdão se acontecer dentro do casamento com propósito procriativo e se os aspectos prazerosos não forem “desfrutados em demasia”. Deste modo, todos os comportamentos eróticos são considerados maus, a menos que haja uma razão específica para isentá-lo, como casamento, reprodução ou amor (RUBIN, 2017, p. 14).

Para os poliamoristas o swing possibilita novas experiências, mas estas permanecem restritas à prática sexual, o que não representa, na visão deles, um rompimento com a moral monogâmica, por isso, algumas vezes nem se quer é considerado NM. Numa perspectiva hierárquica, o swing pode representar um avanço em relação à monogamia, mas um retrocesso em relação ao poliamor, porque ele é considerado machista, privilegiando os desejos masculinos e tratando as mulheres como objetos (PILÃO; GOLDENBERG, 2012, p. 68). Os poliamoristas não só se preocupam em se diferenciar, mas também em debater a posição do swing em uma classificação de NM, como mostra este longo texto que o criador do grupo redigiu:

*Diogo: Gostar de swing é muitas vezes lido como uma prática não-monogâmica. Lamento informar, isso não é verdade. A troca de casais não está relacionada ao formato do relacionamento, mas sim, com a vontade e/ou necessidade de experimentar e se libertar sexualmente. Outro ponto importante que deve [ser] mencionado é que alguns swingers são casais liberais, pero no mucho, que frequentam casas de swing ou festas privadas que seguem o mesmo estilo, que estão sempre com um/a parceiro/a com quem não se tem uma relação “oficial”, ou seja, frequentam com amantes, visto que algumas esposas e alguns maridos não concordam com essa prática e seus pares ainda assim o fazem escondido.*

*Ah, caso alguém corra para me apedrejar, quero deixar avisado que tenho vivência dentro de redes sociais específicas para swingers, já frequentei casa de swing e até hoje recebo dezenas de convites de homens casados (mas que a esposa não curte ou não sabe desse hábito do companheiro). Para reforçar as diferenças entre swing e não-monogamia, dentro do swing o ciúme está mui-*

13 MHM = Relacionamento que envolve duas mulheres e um homem; HMH = Relacionamento que envolve dois homens e uma mulher; MMM = relacionamento entre mulheres somente; e HHH = relacionamento entre homens.

to presente pois, por diversas vezes, ele é usado como instrumento para salvar relações e uma das partes se anula para salvar uma relação que já está fadada ao término. Há quem acredite e chame relações assim de relacionamento aberto ou liberal (indico ler Mas afinal, o que é NM?), entretanto, sabemos que não existe em todos os casais a desconstrução e nem o desejo real de ter uma relação livre de amarras e inseguranças, como se coloca em prática dentro da não-monogamia. Sendo assim, é errado afirmar que gostar ou praticar swing torna alguém não-monogâmico.

O texto acima gerou repercussão e houve algumas falas em resposta que, embora não destituam o swing da categoria de NM, estabelecem níveis em relação ao rompimento com a monogamia: “vc não pode por os RA<sup>14</sup>, poliamor e swingers no mesmo nível. Na minha concepção o pessoal do poli rompe mais com a monogamia do que os Swingers e RA”.

Klesse (2006) mostra que muitos poliamoristas se posicionam contra a promiscuidade, sexo casual e o swing, fixando o poliamor como um estilo NM eticamente avançado. Numa determinada ocasião, uma das administradoras do grupo postou uma imagem com um crânio de Neandertal, com a seguinte frase: “Swinger que procura sexo em grupo de poliamor”. Houve certo desconforto entre alguns participantes, que entenderam a imagem como preconceituosa e racista. Uma integrante, a única do grupo que já havia se declarado swinger (ou swingueira, como ela se refere) além de poliamorista, demonstrou sua insatisfação:

*Marília: Vi agora e estou triste! Pq isso!*

*O swingueiro de verdade não fica em grupo para sexo, e sim para amizade. Quem fica em grupo para sexo, são os curiosos q se fazem de swingers para ter sexo com mais facilidade, q veem nas mulheres como putas. No meio infelizmente há; muitos desses curiosos, mas o swingueiro de verdade vê o sexo de uma maneira mais liberta, alias há muitos membros do Poliamor no swinger e eu nunca vi nada tão triste*

*Lívia: Eu sei q tem poliamoristas q são swingers, e tá; tudo bem. Assim como tem fetichistas q tb são poli e/ ou tb curtem swing, e tb tá tudo bem. A piada foi no sentido da pessoa entrar num grupo procurando algo FORA do foco do grupo específico. Nada além disso*

*Marília: A piada não foi legal*

*Lívia: Então vc acha q tá tudo bem pessoas aleatórias entrarem em grupos d poliamor em busca específica d*

*praticar swing ou querer sexo fácil?*

*Marília: Essa pessoa q faz isso não é swingueira, e chamar essa pessoa de swingueira é sim uma ofensa. Qdo fazemos uma piada sobre um determinado grupo, e esse grupo não ri, isso quer dizer q erramos, e q há preconceito.*

*Essas pessoas q querem só sexo, devem ficar longe dos grupos de poli e de swingers Tb*

*Marília saiu*

*Lívia: Espero q a galera entenda a diferença. Peguei esse meme num grupo d amigos em q a maioria é do swing e todos são da não monogamia, muitos tb poli. Então não é pq ela se ofendeu q foi ofensivo. Neste caso específico, ela q infelizmente não entendeu a piada.*

Alguns membros dizem já ter tido contato com o universo swinger, através de amigos ou de vivências próprias. Há relatos de pessoas que chegaram ao poliamor através do “mundo liberal”, sugerindo que esse pode ser um primeiro degrau do rompimento com a monogamia. Apenas Marília se declarou frequentadora, os outros sempre tratam o swing no passado, como uma experiência de curiosidade e de busca pelo que realmente só vieram a encontrar no poliamor. Uma participante comenta como sua inserção no swing não foi exitosa.

*“Eu e o Felipe iniciamos a nossa pseudo busca em casas de swing, mas somos um casal com acordos bem claros, e óbvio, isso não combina muito com casas liberais. Eu me resumo a bissexual apenas para não explicar muito o q sou, até pq aqui eu tenho liberdade em dizer e explicar se for o caso, mas me colocaram nessa caixa a algum tempo e eu não perco tempo, mas a realidade é que bissexual não me define, pq não me sinto atraída por homens, apesar de casada e feliz com o meu. Mas voltando a casa de swing essa é a questão, eu e ele queremos elas e não o combo(marido).”*

Segundo Pilão e Goldenberg (2012), os poliamoristas percebem as práticas da monogamia, swing, relacionamento aberto e poliamor dispostas em uma escala evolutiva no qual o poliamor representa o maior grau de rompimento com a monogamia enquanto relacionamento aberto e swing habitam o “entre lugar”, uma espécie de estágio do processo de rompimento que só acontece através do poliamor.

Um percurso pelo universo NM que passe pelo “mundo liberal” não parece ser considerado habitual entre os membros dos grupos, mesmo com alguns

14 Relação aberta.

relatos de pessoas que fizeram esse itinerário. O distanciamento entre as categorias é sempre procurado por parte dos poliamoristas:

*Fernanda: Eu tb cheguei no poliamor através do meio liberal*

*Andei pesquisando sobre o mundo liberal, me adicionei em varios grupos no face, mas tudo me levou para o swing, isso faz dois anos. Faz um ano q não vou mais as casas de swing, prefiro as festas, o q tb estou diminuindo.*

*Gustavo: É mais realista pensar que as pessoas que praticam mais swing e relacionamentos abertos sem apego, se fecharão na monogamia do que começarão poliamores.*

No grupo de swing a rotina é bem diferente, as abordagens e objetivos nunca são afetivos, são sempre sexuais: “*tem que ir em mente que ali e só prazer o amor de verdade e só seu!*”. Além disso, esse grupo não politiza o debate, abordando por exemplo questões como feminismo, transfobia e racismo, nele também não há qualquer discussão sobre a identidade swinger ou outras identidades NM. O grupo está totalmente voltado para as atividades sexuais, sejam elas presenciais (encontros<sup>15</sup>) ou remotas (fotos, vídeos e chamadas de vídeo). Nesse grupo são publicados muitos conteúdos pornográficos e algumas vezes vídeos e fotos dos próprios participantes nus ou fazendo sexo, gerando elogios e convites. As conversas tendem a ser quase sempre sexuais, estimuladas por jogos de perguntas e respostas com temática erótica. Além do relato de experiências NM, são recorrentes convites gerais para *dogging*, chamadas de vídeo ou encontros em bares:

*“Algum casal animado pra um dogging hj???”*

(...)

*“Sabado fomos em um motel com hidro eu meu marido e um amiguinho”*

(...)

*“Talvez uma conferência pelo GOOGLE MEET sem áudio, pra não dar microfonia... Podemos tentar agendar. Posicionamos os telefones estrategicamente e todos os casais em atividade”.*

Os swingers não buscam um reconhecimento público da sua sexualidade, ao contrário, a restringem a ambientes controlados e com garantia de certo anonimato. Podemos dizer que no dia a dia eles desfrutam do centro do círculo encantado como qualquer outro indivíduo submetido às regras

restritivas do “bom sexo”. Os praticantes mantêm o seu comportamento sexual em completo sigilo, sem fazer nenhuma demarcação pública em termos de reivindicações sociais ou de uma identidade política, de modo que as suas identidades individuais permanecem protegidas pelo anonimato (VON DER WEID, 2008). A prática é desviante, mas os indivíduos não, pois são, normalmente, casais “monogâmicos”, estáveis que cumprem ordinariamente os pré-requisitos do “bom sexo”. Os casais swingers não propõem formas não monogâmicas de conjugalidade ou um arranjo afetivo sexual entre mais de duas pessoas. Para o mundo público e legal, não abrem mão do sexo legitimamente reconhecido, conservando o “mau sexo” na clandestinidade. As próprias casas de swing podem ser vistas como uma possibilidade de se viver essa alternativa sexual sem questionar o vínculo do casamento (VON DER WEID, 2008). Um exemplo pode ser visto na fala de uma participante que previne: “*Lembrando que vamos tomar cuidado com nossa vida colorida procure saber se a pessoa realmente está disposto a viver a vida de swing somos casados temos filhos e família não queremos nos expor*”.

Diante de uma sugestão para os participantes desbloquearem as fotos de perfis para que fiquem visíveis a todos os membros do grupo, uma participante faz o seguinte desabafo: “*Se chegar a ser obrigação eu prefiro nem participar mais pq tenho motivos pessoais que prefiro deixar só para contatos. Mando minha foto e do meu marido quantas vezes for preciso, mas não vou desbloquear não*”.

Portanto, swingers prezam pelo anonimato, pela discrição e pelo segredo, não se comprometem com a propagação de seu estilo de vida, na verdade, têm medo de serem descobertos e preferem que isso nunca venha ao conhecimento das pessoas de sua convivência, como familiares, vizinhos e colegas de trabalho. Existe um desejo de que a prática não comprometa a vida social, o objetivo é viver a sexualidade de forma oculta, em clubes, casas, festas, sites e grupos, sem nunca serem descobertos e dessa maneira continuar desfrutando dos privilégios de se pertencer ao centro do círculo, ainda que isso signifique ter uma espécie de “vida dupla”.

Diante do exposto, o que parece ficar evidente na análise destes grupos é que existe uma preocupação muito presente entre os poliamoristas de se diferenciar dos swingers e se afastar das associações com sexo

15 Embora haja sempre tentativas de reuniões, o contexto de isolamento social sempre é considerado.

casual. Algumas vezes a forma como se diferenciam estabelece uma hierarquia entre as NM. Já os swingers não buscam uma identidade política, e, por conseguinte, a diferenciação ou associação em relação a outros formatos de NM também não é um interesse, privilegiam o anonimato.

### Considerações finais

O conceito de círculo encantado, elaborado por Rubin, nos ajuda a compreender o arranjo hierárquico que organiza as práticas sexuais em nossa sociedade. Esta hierarquia acaba, inevitavelmente, estabelecendo relações de subordinação entre as práticas que diferenciam o “bom sexo” sempre na direção do centro do círculo e o “mau sexo” em suas margens, atacando os grupos cujas atividades sexuais não são dominantes.

Embora Rubin não fale diretamente do poliamor, a escala do sistema de valor sexual sobre a qual ela constrói seu argumento, caracteriza a boa, normal e natural sexualidade como heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva e não-comercial. E ainda deve ser em casal, relacional, na mesma geração, e acontecer em casa. Não deve envolver pornografia, objetos fetichistas, brinquedos sexuais de qualquer tipo, ou outros papéis que não o masculino e feminino. Qualquer sexo que viole as regras seria mau, anormal e não natural (RUBIN, 2017, p. 17). Assim sendo, a abstração do círculo encantado nos mostra que de um lado as pessoas poliamorosas não podem estar no seu centro, uma vez que não possuem reconhecimento legal e nem social de seu modelo relacional, ainda que conservem características prezadas pelo círculo como amor e honestidade. Ainda assim, os poliamoristas buscam ressaltar essas características, principalmente na comparação e hierarquização com outras formas de NM, especialmente em relação ao swing. Do outro, os swingers vivem socialmente dentro do círculo, pois possuem uma família baseada no casamento “monogâmico” heterossexual e estável. Esse modelo, sustentado publicamente, lhes garante os benefícios do centro do círculo e a possibilidade de uma sexualidade desviante em ambientes controlados. Por esse motivo, entre os poliamoristas se questiona a qualidade de não monogâmicos dos swingers, sem, no entanto, esta ser uma preocupação pertencente aos últimos.

Tanto poliamoristas como swingers mantêm relações contraditórias com o centro do círculo.

Os poliamoristas estão sustentados por uma base essencialmente afetiva e tentam se dissociar dos rótulos da sexualidade promíscua, do sexo fácil e libertino. Buscam o reconhecimento da sua legitimidade enquanto modelo de família. Os swingers se mantêm em um anonimato que protege suas trajetórias públicas, evitando que suas práticas sexuais sejam um impedimento para os privilégios de pertencer à camada do “bom sexo”.

O círculo distingue esses comportamentos sexuais, moralmente aceitos, de todos os outros, que são entendidos como demoníacos, perigosos, psicopatológicos, infantis ou repreensíveis politicamente (RUBIN, 2017, p. 18). E essa moralidade está presente inclusive entre aqueles que não pertencem ao seletivo círculo de sexualidade saudável, gerando entre os próprios marginalizados uma busca centrípeta baseada na mesma moralidade que os exclui.

### Referências bibliográficas

- GOLDENBERG, M; PILÃO, A. C. **Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias**. *Ártemis*, Rio de Janeiro, V. 13, n., janeiro de 2012. Semestral.
- HARITAWORN, J., LIN, C., & KLESSE, C. **Polylogue: A Critical Introduction to Polyamory**. *Sexualities*, 9(5), 515-529, 2006.
- KLESSE, C. **Polyamory and its ‘others’**: contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, v.9, n.5, 565-583, 2006.
- KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Penso, 2014.
- PILÃO, Antonio. **Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista**. *Cadernos Pagu*, 44, 391-422. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero**, Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, UFRJ. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sócio-antropológicas sobre poliamor e amor romântico**. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.12, n. 35, agosto

de 2013.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. In: G. Rubin, Políticas do sexo. São Paulo: Ubu Editora, 2017 [1984].

SILVÉRIO, Maria Silva e. **Swing: Eu, Tu... Eles**, Lisboa, Chiado. 2014.

\_\_\_\_\_. **Eu, tu... illus: poliamor e não-monogâmias consensuais**. 2018. Tese de Doutorado em Antropologia, ISCTE/IUL. Lisboa: 2018.

VASCONCELOS, Edson. **De olhos bem fechados: sexualidade, subjetividades e conjugalidades no swing**. 2015. Tese de Doutorado em Sociologia, UFPB. João Pessoa: 2015.

VON DER WEID, Olívia. **Corpo, gênero e sexualidade: um estudo antropológico sobre troca de casais**. Revista Artemis. n. 5, 20 dez. João Pessoa: 2006.

\_\_\_\_\_. **Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing**. 2008. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, UFRJ. Rio de Janeiro: 2008.

\_\_\_\_\_. **Swing: o adultério consentido**. Estudos Feministas, Florianópolis, 18(3): 336, setembro-dezembro/2010.